



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 45

Vozes do além

Voz: *Hello Julie. The Pepsi-Cola Company is happy to bring you the voice of Walter, speaking to you from the show in Washington D-...*

Branca Vianna: Esse é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Walter Eddy: *Going to go back to Washington now and see what it's like there. Haven't been here in so long I've forgotten what it looks like.*

Branca Vianna: E esse som que você tá ouvindo, em inglês, é de um disco. Eu sei que é meio difícil de entender... mas tudo bem, porque não era pra você tá ouvindo esse disco.

Esse disco é uma carta.

O homem conta do dia dele, pergunta como são as coisas em casa... e, no fim do disco, ele dá boa noite.

Walter Eddy: *How's everything at home? Write more often if you can. I haven't got much more time now on this record, so I'll just say goodnight. I wish you were here with me.*

Branca Vianna: Esse disco foi gravado por um soldado americano no dia 14 de julho de 1944.

Mas foi gravado pelo Walter pra ser ouvido pela Julie.

Não era pra você.

O Walter sobreviveu à guerra e morreu em 2005.

A Julie, pra quem ele gravou aquela carta, morreu alguns anos depois dele.

Mas a voz do Walter, perguntando pra Julie como tava tudo em casa... ela ainda tá aqui. É uma voz órfã, uma voz à deriva.

Foram-se os dois, e ela ficou.

No episódio de hoje, a gente vai falar sobre vozes do além. Sobre jeitos das pessoas falarem quando elas não tão mais aqui. E o primeiro jeito que a gente vai investigar hoje são discos como esse do Walter pra Julie.

Quem me apresentou essa gravação foi o Tom.

Tom: Thomas Levin

Branca Vianna: Eu chamo ele de Tom porque conheço ele há muitos anos.

Ele é americano, mas fala português porque ele é casado com uma brasileira amiga minha, a cineasta Sandra Kogut.

Tom: sou professor lá nos Estados Unidos, na Universidade de Princeton

Branca Vianna: Lá em Princeton, o Tom dá aula sobre teoria das mídias.

E ele trabalha com vários gêneros.

Tom: som, cinema, mas outras mídias também. Mas eu sou também um curador.

Branca Vianna: Ele organiza exposições e também é colecionador.

E isso até pode parecer tipo um hobby dele, mas tem a ver com todo o resto.

Tom: Eu gosto muito de pensar com objetos.

Branca Vianna: Quando eu sentei com ele pra gravar as nossas vozes, o Tom começou a me contar sobre um momento muito específico na história da tecnologia de gravação de áudio.

As gravações mais antigas da voz humana são dos anos 1850.

E, no começo de tudo, as gravações eram uma tecnologia super experimental e pouco acessível.

Mas, há um século, mais ou menos, o jogo mudou.

O que entrou em cena foi o disco. Os discos, na verdade.

Tom: O berliner disco .

Branca Vianna: Esse disco era uma novidade porque o que tinha antes eram uns rolinhos, cilindros de cera.

O princípio era o mesmo, mas em vez da agulha girar em cima do disco, ela girava em torno do rolo.

Os discos eram muito mais resistentes, baratos, e fáceis de transportar e de guardar. E foi aí que nasceu a indústria fonográfica.

Mas o que ficou meio esquecido foi o fato de que, por um tempo, essa tecnologia da gravação em disco também ficou disponível pro público em geral.

Pela primeira vez, as pessoas começaram a ter acesso a equipamentos de gravação. À possibilidade de, elas mesmas, gravarem um disco.

Era um poder inédito.

Isso foi nos anos 20 do século passado.

Tom: Então, no meio dos anos 20 você pode ir num estúdio.

Branca Vianna: Dava pra ir num estúdio de gravação, mas também tinha até em lojas de departamento. Você tá ali, escolhendo um belo chapéu, e aí você pode dar um pulinho numa cabine de gravação.

Tom: e gravar um mensagem para mandar

Branca Vianna: Gravar uma mensagem pra mandar. Gravar a sua voz num disco e botar no correio, pra ser ouvido por alguém.

Uma carta falada.

Tom: carta falada, voice mail records.

Branca Vianna: Eles eram chamados de fonopostais, como se fosse um cartão postal em áudio.

Tom: curiosamente é uma coisa que ninguém conhece...

Branca Vianna: Quando o Tom descobriu as cartas faladas, há uns 15 anos, ele começou a colecionar feito um doido. Uma carta falada não precisa ser gravada num disco.

O Tom coleciona tudo quanto é carta falada feita em gravador de rolo, em fita cassete. Mas são todas vozes gravadas pra serem mandadas pra alguém. Tipo o recado de voz do WhatsApp na idade da pedra.

Leland: *Hello, darling. How's that darling wife of mine today?
Still love me?*

Homem belga: *Allo mes chéries, ici c'est votre papa qui vous
parle de l'exposition et qui vous envoie du chocolat.*

Grupo: *...happy birthday to you, happy birthday, dear Melvin,
happy birthday to you!*

Trude: *Ich komme mir zwar ein bisschen komisch vor, dass ich zu euch reden soll statt zu schreiben, ich hoffe aber, dass es euch auch eine Freude macht.*

Branca Vianna: A prática se popularizou mesmo nos anos 30. Quando eu conversei com o Tom, ele tinha acabado de comprar um disco gravado em 1929. Um cara em Nova Iorque tinha comprado um disco e tinha gravado um recado de parabéns pra uma cantora de ópera em Londres.

Pra quem tem preguiça de ouvir recado de voz no WhatsApp, imagina que é seu aniversário e começa a chegar um disco atrás do outro...

E não era só uma coisa dos Estados Unidos e da Europa. Isso começou a rolar no mundo todo.

Tudo bem, não era todo mundo que tinha dinheiro pra frequentar loja de departamento, mas não era um serviço muito caro. Inclusive, costumava ser mais barato do que fazer uma ligação de longa distância.

Tom: Nos anos 30 começa uma novo sistema. Um tipo de cabines. É um pouquinho, quase igual a este cabines que todo mundo conhece agora, onde você vai para fazer um foto de você. Então lá você vai nessa cabine e você bota alguns pedaços de dinheiro.

Branca Vianna: Você entrava, enfiava algumas moedas, e aí a máquina começava a gravar.

Tom: e você gravou dois minutos de mensagens sobre um pequenininho disco de dez centímetros e sai esse disco com um envelope. E você pode mandar esse para o correio.

Branca Vianna: E esses discos funcionavam que nem todos os outros. Dava pra tocar na sua vitrola, no seu toca-discos, enfim. E tinha essas cabines de gravação em tudo quanto era lugar.

Tom: Nos lugares turísticos, mas também nas estações de ônibus, de trem, no. No. Em cima do Empire State Building

Argentino 1: *Caballeros, buenas tardes, señores y señoras, estamos en el Empire State de Nueva York admirando esta magnífica ciudad...*

Branca Vianna: Teve até países que incorporaram os fonopostais dentro do serviço dos correios.

Tom: nos anos 30 e na Alemanha foi o primeiro tentativa de essa modelo. Depois, interessadamente, na Argentina...

Branca Vianna: A Argentina inaugurou o serviço nacional de fonopostal em 1939. E, nesse caso, o sistema era um pouco diferente. Você ia na agência dos correios e gravava um disco.

Voz: *Hoy miércoles recién podemos venir hasta el Correo Central. Para hacerle llegar a ustedes estas nuestras palabras.*

Branca Vianna: Vamo dizer que você gravou num disco uma mensagem pro seu tio Carlos, que mora numa zona rural. O disco ia parar na agência postal mais perto do tio Carlos, e ele podia ir ouvir o disco lá – pro caso, muito provável, de ele não ter nem gramofone, nem luz em casa.

Branca: Isso democratiza bastante.

Tom: Exatamente. É... essa estrutura abre a comunicação postal de letras às pessoas que não sabe ler e que não sabe escrever. Então muito importante.

Branca Vianna: Depois da Argentina, começou o serviço no Brasil, no final de 1941. Abriram várias agências no Rio – que ainda era a capital – onde as pessoas podiam gravar esses recados. E, nas mesmas agências, tinha vitrolas onde os destinatários podiam ouvir.

Numa entrevista na época, o diretor geral dos correios fazia questão de dizer que a gravação era absolutamente sigilosa, que as portas eram hermeticamente fechadas. Ele dizia que a maior parte dos fonopostais era mandada pro Norte do país – mas que outra boa parte dos discos nem chegava a ser despachada.

Tem uma aspa que diz assim:

“Grande parte dos discos têm sido gravados por gente do morro, que trazendo instrumentos, adquire o disco e nele fixa as suas canções.”

Quer dizer: lá nos anos 40, você podia gravar um disquinho demo numa agência de correios. E não era pouca gente que fazia isso. Quando apareciam essas bandas pra gravar nos Correios, juntava tanta gente só pra espiar que até atrapalhava o fluxo dos carros.

Tom: tão grande que foi um problema para o trânsito.

Branca Vianna: O Tom acha que esses discos, se ainda estiverem por aí, podiam ajudar a gente a reescrever a história da música popular brasileira.

Uma coisa engraçada nas mensagens dos recados no arquivo do Tom é que tem muita gente que canta mesmo, em vez de só falar. um recado.

Salvatore: *Soldier boy, I love you so...*

Branca Vianna: Tem gente cantando em alemão, em espanhol, em inglês... Músicas de amor, músicas engraçadinhas, músicas que deviam significar alguma coisa pra quem fosse receber.

Bernhard: *Leise rieselnder Quell! Ihr wallenden flispernden Pappeln!*

Branca Vianna: Uma das hipóteses do Tom é que essa é uma vantagem da gravação da voz, da carta falada, sobre a carta escrita. Porque você consegue passar a qualidade musical da voz... você consegue brincar com a entonação, ouvir o timbre – então dali a cantar é um pulo.

Outra coisa que a gente tem que pensar é como essa experiência devia ser nova, devia ser diferente pra quem tava gravando.

Tenta esquecer tudo que você já naturalizou e pensar nisso.

A ideia de você falar alguma coisa, fechado num estúdiozinho, sem ninguém na sua frente... e que só vai chegar no ouvido de uma outra pessoa no futuro.

Tem aquela expressão “palavras ao vento”. Você falava, e o vento – ou os correios – levavam a sua voz, o seu timbre, pro nunca mais. Agora as suas palavras tavam sendo gravadas nos sulcos de um disco, para um ouvido futuro.

Tom: Um ouvido futuro.

Branca: A pessoa pode receber aquilo depois de dois meses, três meses. Você não sabe quem vai estar na sala, por exemplo. Isso é uma coisa que eu pensei num caso. O que eu achei? Eu fiquei fascinada por um áudio de um argentino que tinha lá. Eu acho que é o único que tem da Argentina, que é um sujeito chamado Ricardo, que está apaixonado por uma mulher chamada Renê.

Ricardo: Quiero yo por siempre estar a tu lado en un sueño de amor, de este amor eterno Rene.

Branca Vianna: Lembra que o diretor dos correios tinha falado várias vezes naquela entrevista que as cabines eram hermeticamente fechadas? Imagino que talvez fosse por causa de recados como esse.

Ricardo: Quiero besarte. Te beso Rene, te beso. Rene. ¿Me quieres Rene? ¿Me quieres?

Branca: E ele está muito apaixonado e ele não vê a Renê há muito tempo. E ele faz o que eu ouvindo eu falei: Gente, esse homem inventou *phone sex*, porque ele é uma carta de amor inacreditável.

Ricardo: Te has perfumado y tus labios lucen el fuego intenso de mi amor. Rene, no me olvides nunca Rene.

Branca: Ele grava dos dois lados do disco que nem todo mundo faz. E ele suspira, ele fala besos, besos René, besos.

Ricardo: *tenerte en mi brazos, besarte una vez y mil veces.
Darte besos eternos de amor.*

Branca: Mas eu fiquei pensando se a Renê bota isso na sala da casa dela e ela tá ouvindo com os pais, por exemplo, isso vai dar uma confusão danada, porque é meio complicado, então não é nada explícito, obviamente, acho que é dos anos 30 esse, mas você sente na voz do cara uma coisa sensual e uma vontade de estar fisicamente com a Renê. E eu fiquei imaginando isso porque quando ele gravou, ele não sabe quem vai estar do lado dela quando ouvir.

Tom: Esse é um problema grande que você ouve também sobre muitos discos. O gente já nesses anos 30, 40. Onde foi o gramofone? Na sala. Quando você bota um disco na sala, não é num seu quarto privado, outra gente pode ficar lá também. Completamente. Então, sobre várias discos você tem essa. Como dizia anxiety?

Branca: Ansiedade.

Tom: Essa ansiedade você tem. Você pode ouvir a ansiedade de várias formas. Por exemplo: as pessoas fala: Oh, meu amor, eu quero... você sabe que eu quero.

Ricardo: *Yo estoy a tu lado con mi cariño Rene. Quiero besarte.*

Tom: porque também é um detalhe muito interessante. Que ele.... Não sou somente ele, ele tem um forma de falar muito sensual, ele fala muito baixo, mas também ele usa o silêncio de forma retórico. Ele não. He doesn't fill the sound waves.

Branca: Ele não enche os silêncios.

Tom: esse silêncio é também uma outra forma de, em inglês, essa chama *medium specificity*. O silêncio é uma forma de falar. Você pode falar coisas com a pausa entre duas palavras que você não pode fazer na carta escrita. Então o silêncio é uma forma expressiva nessa *medium*.

Branca Vianna: Às vezes a ansiedade vem daí mesmo, da vontade de tá com a pessoa pra quem você tá mandando o recado.

Homem: *Baby, Keiko honey, I, I want to see you real bad. I, it really hurts me to be away from you like I am. I, at night, I, I can't sleep, I dream about you. I, I say your name in my sleep.*

Branca Vianna: Mas também tinha gente que ficava ansiosa só pelo fato de estar gravando.

Dorothy: *I don't know what to say, I'm so nervous.*

Tom: quando você começa a gravação de um desses discos, essa gravação não pára.

Branca Vianna: Não dava pra voltar. Não dava pra regravar.

Tom: Regravar, corrigir nada. Então, se você não tem nada para dizer, esse nada também é gravado.

Branca: Está registrado.

Tom: É a estrutura de uma sessão psicanalítica onde o fato de não poder falar de uma coisa, fala. E também você tem outra coisa que eu gosto muito. Eles fala do fato da gravação: "Oi estou aqui gravando um disco incrível e eu não tenho muito tempo, mas vou tentar de falar tudo e quero fazer falar assim".

Branca: Tem um maravilhoso, um americano ótimo que está viajando pelo país e que diz: "então mamãe e papai, não se preocupem comigo, porque

eu vou sumir um tempo. Então se eu sumir, vocês não se preocupem, pode deixar que meu carro está funcionando muito bem. Ele está ótimo” – porque eu acho que a preocupação devia ser essa né, isso é nos anos 30. O sujeito viajando pelo... Ele diz “Eu estou conhecendo os Estados Unidos inteiro, estou adorando super bem, mas vou dar uma sumida, vocês não se preocupem”...

Gene in Dallas: *I should be home, if all goes well, sometime around the first of December, perhaps a little bit later. I want to caution not to worry about any instances or not know where I am, but please don't worry.*

Tom: É uma coisa muito interessante sobre essa mensagem. Ele sabe e conhece essa letra e é uma coisa mais raro. Nessa viagem que ele fez para todo o país dos Estados Unidos, grande país. Tem muitas em várias cidades e eu não sei como ela conseguiu achar um lugar para fazer um gravação e tem uma série de discos dele.

Branca: Você tem uma série de discos dele? Você tem. Você tem o percurso da viagem dele? Um pedaço, pelo menos. Que maravilha!

Gene in Hot Springs: *Hello, folks, it's been a long time. I'm talking from Hot Springs, in more or less the same sort of a little place that I'm sent you a recording from Dallas, not so long ago.*

Tom: “Hoje eu estou no Texas e esse é o último pedaço de Louisiana. Foi um pouquinho longe, mas estou vivendo muita coisa incrível”... Tem narrativa sobre. Eu penso que foi oito discos sobre essa viagem.

Branca Vianna: O Tom tá nessa longa viagem com os fonopostais faz uns 15 anos. Ele ama feiras de antiguidades, mercado de pulgas, que são o tipo de lugar onde você encontra coisas que você nem sabia que poderia querer. E foi numa dessas feiras que ele achou o primeiro fonopostal dele.

Tom: E eu descobri um desses discos dentro um envelope. Eu comprei porque o tipo de coisa a gente nunca viu. Então eu queria saber mais. Então eu comecei a fazer a pesquisa, sabe onde tem outros?

Branca Vianna: Naquele dia, o Tom caiu dentro de um buraco. Porque não existia uma coleção desses discos no mundo, e não existiam estudos sobre eles.

Na verdade, até hoje não existe um arquivo especializado nisso. Mas, no mundo, milhões desses discos foram gravados ao longo de décadas. Onde eles foram parar? Como é possível que não tenha ninguém estudando isso? Além do Tom, claro.

O Tom tem uma suspeita...Porque uma pergunta que muita gente faz quando sabe da coleção é: "tem gravação de gente famosa?"

E, sim, existem algumas.

Mas a maior parte – e quase toda a coleção do Tom – é de gente comum, falando sobre coisas comuns:

Tom: A comida, os carros, a temperatura.

Branca: O dente do bebê.

Betty: *Dorothy left the baby with my aunt.*

Tom: O dente do bebê, a vida cotidiana. Não são espetaculares, mas são muito interessantes. Mas sobre, para um tipo de de de de pensamento acadêmico que quer os grandes momentos da história. Essa não são grandes momentos, mas esses pequenos momentos têm muitas coisas para dizer a nosso tempo.

Branca Vianna: Os fonopostais são um museu dos pequenos acontecimentos. Da vida comum. E além disso, eles são um prato cheio pros linguistas.

Tom: porque tem vocabulário, accent, sotaque, sotaque e também expressões que não existem mais [00:36:00]

Branca Vianna: Dá pra sentir isso quando você tá ouvindo.

O tom de voz é antigo. É uma coisa muito difícil de captar, mas inconfundível quando você ouve.

Pai Alemão: *das abhören, was ich heute in das Mikrophon sage [...]*

Branca: Tem um deles que é em alemão, que eu não consegui entender. Mas como teu arquivo é muito bem organizado, tem uma descrição do que está acontecendo e aí é um pai e uma mãe gravando pros filhos.

Branca Vianna: Tem uma hora que a mãe diz: "quando não estivermos mais aqui, esse disco fica de lembrança pra vocês".

Mãe Alemã: *Sollten wir einmal später nicht mehr sein, so soll das nur ein kleines Andenken sein [...]*

Tom: E essa também é uma forma desses ansiedade sobre o ouvido futuro. Por que quando eu fala eu não sei se quando essa, essa gravação vai ter ouvido, pode ser um semana próxima, mas pode ser também 40 anos depois.

Branca Vianna: A gravação separa a voz do corpo. E, no fim, a voz é tudo que sobra. O Tom me disse também que esse disco específico, da mãe alemã, é um exemplo da importância dos envelopes. Porque quando você consegue achar um fonopostal com o envelope, isso te diz muita coisa sobre ele.

De quem, pra quem, de onde pra onde. E em quais circunstâncias.

Tom: E esse disco foi gravado no meio dos anos 30, na uma feira tecnológica dos fascistas. Então foi um tipo de competição. Vem gravar seu voz. A gente quer a voz da Alemanha, e, sim, você pode ter esse disco como souvenir. Mas então você deve pensar: essas pessoas estão

gravando esses discos, e no lado deles teve dois soldados nazi. Então eles estão falando, mas também tem lá um forma de ouvir, proximal, no momento, mas em forma de censura.

Branca: Entendi porque tem um ouvinte que é o soldado que está ali em pé do lado, ouvindo tudo o que está gravando. Então, por isso que a gente fica falando: sejam bons alemães, pensem na Alemanha.

Mãe alemã: *und nur euer Bestes wollen, und euch, liebe Jungens, zu tüchtigen deutschen Menschen erziehen.*

Branca: É muito diferente essa carta das outras que você vê de pais e mães mandando para os filhos. Não tem a conversa do dente do bebê. Ninguém vai falar das férias na praia.

Branca Vianna: O Tom também tem exemplos da versão americana dessa censura prévia aos recados. Porque as cartas faladas que os soldados americanos mandavam pros pais também eram censuradas.

Tom: O correio durante a guerra é sempre censurado.

Branca Vianna: Agora, pra mim é bem fácil pegar um arquivo de som e cortar um pedacinho que eu não quero que saia. Mas como dava pra fazer isso em 1940?

Voz Pepsi-Cola: *Hello Mr. and Mrs., uh, C. M. Beasman, of, uh, Reisterstown, Maryland. The Pepsi-Cola Company are very happy to send you the voice of your soldier son, corporal in the US Army, Clarence M. Beasman. Here he is:*

[Beasman:] *Hello, Mom and Dad. Well, it's been seven months now since you have heard my voice, so here goes.*

Branca Vianna: Em muitas dessas gravações de soldados, aliás, tem uma voz que entra antes. Uma voz do patrocinador.

Tom: This is the voice of Pepsi-Cola bringing you the voice of your son Roger.

Branca: Exatamente.

Tom: Que que é essa voz? Essa é a voz do cara que está fazendo a gravação.

Branca Vianna: O Tom tem um site, que tá linkado lá na página do episódio no site da Rádio Novelo, onde dá pra ouvir algumas das milhares de gravações que ele já coletou. O site não é atualizado há alguns anos porque o Tom só conseguiu botar ele de pé com uma bolsa de uma fundação alemã, e a grana acabou há tempos.

Por enquanto, ele só tá caçando cartas faladas.

Ele vive procurando mais em sites do tipo Mercado Livre, eBay, em leilão, em mercado de pulgas – e às vezes ele compra direto da família da pessoa que gravou. Nesses casos, ele fica até meio perplexo.

Tom: "Você não quer guardar o voice do seu avô?" Ele fala: "Não, não tem gramofone".

Branca Vianna: Só que muita gente não tem toca-discos mais, então nem faz sentido guardar um disco que não dá pra ouvir, né.

Tom: E eu falo: "Bom, vende esse para mim. E eu vou fazer um mp3. Ou então transfere digital e manda para você. Assim você pode dar a seus filhos. Porque é muito mais importante para você que para mim".

Branca Vianna: E toda vez que sai alguma cobertura sobre o projeto do Tom, mais gente entra em contato. No site do Tom, tem gravações da Argentina, de Portugal, da Inglaterra, da Holanda... mas nenhuma do Brasil. Mas na coleção dele, tem.

Tom: Eu estou indo na Praça XV para ver se eu pode achar outros, é muito difícil.

Branca Vianna: Um dos problemas é que esses discos eram bem mais finos do que um disco de música. Era por isso, em parte, que eles eram tão baratos. Mas se você tocasse demais, uma hora a agulha simplesmente furava o disco.

Por isso que, quando Tom consegue um disco desses, ele normalmente toca só uma vez: na hora de digitalizar.

Tom: Ok, now let's go to Brazil.

Branca Vianna: E agora, depois de todo esse suspense, vamos ouvir um genuíno fonopostal brasileiro.

Fonopostal Brasil: *Alô, alô, amigos, bom dia, boa tarde, boa noite, então vocês que ouvirem a minha voz como speaker improvisado, gostaram? Hem? Ah, não gostaram? Que injustiça! Pois olhe, minha mãe, antes mesmo de me ter botado neste mundo tão cheio de baboseiras, dizia a todas as pessoas conhecidas que eu havia de ser um ótimo speaker. Mentira? Quem foi que disse mentira por aí? Ah, foi você! Oh, mas não faça isso, que deselegante. Não se desmente assim uma pessoa à queima-roupa. Pois olhe, tanto tinha ela razão para assim pensar que agora vocês estão me ouvindo e conhecendo as minhas belíssimas qualidades. É verdade é que há 90 anos atrás não havia rádio, mas ela possuía a convicção de que seria uma bom ??? speaker. E vocês que são meu amigos, meus parentes, respondam de uma vez: sou ou não sou o tal? Deixe-se de vergonha. Não falam? Então, boas festas e ????. Agora, como eu tenha terminado o que eu queria dizer, quero fazer uma saudação à garotada. Essa garotada, o Marcos, o Juarez, o Zequinha, o Antonio, a todos os garotos, eu quero fazer a minha saudação, saudação de garotos, de garotos, vamos dizer de garoto para garoto.*

Branca: Muito bom, muito bom, ele.

Tom: Impressionante, não?

Branca Vianna: A gente sabe muito pouco sobre esse disco, por enquanto. Não tem nada escrito nele, e no envelope, diz que foi gravado em dezembro de 1943, do Alberto pra Beatriz, no aniversário dela. Mas como o homem na gravação não menciona nenhum desses nomes, e nem dá parabéns pra Beatriz, é possível que a gente esteja diante de um caso de identidades – ou envelopes – trocados.

De qualquer forma, o que eu achei mais interessante ouvindo esse fonopostal específico, é que o cara tá empostando a voz como se ele tivesse falando pras multidões – pra uma plateia, ou no rádio.

Tom: Ele está fingindo em forma de telefonema. Mas essa mostra que ali tá imaginando um ouvido que não existe nesse momento da gravação. É bem interessante.

Branca Vianna: Você não sabe agir diante do microfone. Então você pega os modelos que você tem. Tem o rádio, tem os discos de música – e o outro tipo de voz sem corpo que as pessoas conheciam na época era o telefone.

Pelas contas do Tom, devem ter sido gravados algumas dezenas de milhares desse tipo de disco no Brasil nos anos 40 – mas pouquíssimos deles sobreviveram.

O serviço ainda voltou a funcionar no final dos anos 70, agora em forma de fita cassete. E o Tom até foi na sede dos Correios tentar achar alguma – mas ele só ganhou uma fita virgem. A foto tá lá no nosso site.

As cartas faladas – os cilindros, os discos, as fitas, os recados gravados de uma voz prum ouvido – podem contar toda uma outra história da comunicação no século XX. Da música, e da vida cotidiana também.

O Tom tem até um fonopostal português de parabéns que parece muito um precursor das figurinhas de WhatsApp.

Parabéns: *...muitas felicidades, muitos anos de vida!*

Mulher: *Muitos parabéns, dona Maria.*

Branca Vianna: E uma das gravações que eu achei mais tocantes, na pequena seleção que tá no site do Tom, é justamente de Portugal.

Boa parte das gravações dele são de homens que tãõ viajando, ou indo pra guerra, mandando as vozes deles pras mulheres.

Mas essa é de uma mãe – ou quem eu suponho que seja a mãe, ou de uma tia talvez – tentando fazer uma criança bem pequena falar, pra mandar um recado pro pai.

E ela tem poucos segundos pra fazer isso.

Criança: *Pai! Mãe...Pai...*

Branca Vianna: Aquilo tudo devia ser tudo muito estranho pra criança.

O pai não tá ali, naquela salinha.

E ele não tá do outro lado de um telefone.

Mas, em algum momento, o ouvido dele vai tá lá.

Mulher: *Pai*

Criança: *au! Tutu!*

E, em algum momento depois disso, o pai não vai tá lá mais.

E em algum momento ainda depois disso, nem a criança vai tá lá.

Mulher: *Como faz o gato?*

Criança: *Au?*

Branca Vianna: O que vai ficar é essa tentativa.

De uma voz, procurando um ouvido.

Mulher: *“Até logo”*

Criança: *Até logo.*

Mulher: *“Até amanhã” [...] Não quer, vem...*

Branca Vianna: Agora vai ser o meu momento “utilidade pública”:

se você, que tá ouvindo essa história aqui no Rádio Novelo Apresenta, tem alguma carta falada – fonopostal, disco, fita, o que seja – em casa, você pode entrar em contato com o Tom, que ele pode digitalizar pra você.

A gente vai deixar as informações dele nas nossas redes e na página do episódio no site.

Agora, todo nosso primeiro ato foi sobre vozes sem corpos.

Gravações que permitem que uma pessoa fale, mesmo quando ela não tá mais aqui.

Mas e quando fica só um corpo?

Quem vai responder a essa pergunta, no segundo ato, é o Tiago Rogero.

ATO 2

Tiago Rogero: Tudo na vida é uma questão de perspectiva, né?

Por exemplo: pra quem nasceu e cresceu num país frio — tipo, sei lá, o Canadá, o inverno de São Paulo é fichinha.

A pessoa já naturalizou o frio. Fazia parte do dia a dia dela.

E o ser humano costuma ser bem adaptável. A gente acaba naturalizando as coisas quando tem muito contato com elas. O que pra umas pessoas pode ser amedrontador, pra outras pode ser encarado com naturalidade.

Amanda Quaresma: Desde do início da faculdade, né, eu sempre gostei muito da área de penal, área criminal, enfim, acho também muito de onde eu vim. Meu pai foi agente penitenciário, minha mãe se aposentou como agente penitenciária, que hoje em dia é Polícia Penal, né? Então eu sempre frequentei o ambiente criminal como um ambiente da minha rotina. Então eu ia buscar a minha mãe no presídio. Esse ambiente muito hostil, muito duro, muito violento, sempre foi uma rotina dentro da minha casa. Uma coisa muito importante que eu tenho que falar também é que eu sou branca. Então eu perceber que apesar d'eu estar naqueles ambientes muito violentos, o olhar que tinham sobre mim era completamente diferente sobre

o olhar que outras pessoas recebiam e eu sempre me achei assim muito, sei lá, meio, acho que, sei lá, muito progressista por... Olha como eu sei que eles estão infringindo direitos humanos e que absurdo!

Tiago Rogero: Essa é a Amanda Quaresma.

Amanda Quaresma: Eu sou pesquisadora da área do direito, mas eu gosto de dizer que eu juro que eu não sou aquele, aquele tipo de pessoas do Direito. Porque o pessoal do Direito é meio chato, né? É muito burocrático e se acha o suprasumo. Então eu tento ser uma pessoa do Direito que tá criticando justamente, eu entrei no Direito para falar mal do Direito. Eu sou mestra em Direito pela UFBA, sou de Salvador. Sou apaixonada pela minha cidade.

Tiago Rogero: Na faculdade de Direito, ela acabou se interessando bastante por uma disciplina em específico:

Amanda Quaresma:medicina legal...

Tiago Rogero: E um lugar bom, quer dizer, um lugar pra conhecer a parte prática da Medicina Legal é o Instituto Médico Legal, o IML.

Amanda Quaresma: E aí, no final do semestre sempre tem uma visita técnica no IML, no Instituto Médico Legal, pra gente conhecer como é que funciona, qual seria o fluxo, um percurso de uma pessoa que chega lá pra fazer alguma perícia. E aí uma das partes dessa visita é acompanhar uma necrópsia, né? E aí, eu lembro que eu cheguei lá no ML era uma segunda-feira. E aí os funcionários do IML, quando viram um monte de jovem assim chegar vestindo jaleco, começaram a falar: Opa, vocês deram sorte hoje, tá cheio, final de semana foi movimentado, tem muitos corpos e tal. E aí tiveram dois corpos assim que me chocaram muito. Um de uma senhora que assim, na minha cabeça, ela tava parecendo que estava dormindo. Você via, assim, ela toda arrumadinha, ela tava com uns brincos de, de bijuteria assim colorido. Ela tava com uma camisolinha rosa e tava enrolada num lençol, um lençol assim florido, bem aquela coisa de vó, mesmo assim, toda parecendo que estava dormindo e ela estava deitada

assim na maca. E aquilo me chocou muito E aí meu primeiro pensamento foi: Meu Deus, o que que essa senhora está fazendo aqui? Essa senhora era branca, né? E aí eu meio que fiquei com aquela sensação de de pesar por aquela senhora estar naquele ambiente tão duro, né?

Amanda Quaresma: E aí o restante dos corpos, quando se olhava assim por cima, não, não me causava esse sentimento de pesar, essa estranheza daqueles corpos estarem ali. E aí tinha um corpo especificamente que ele, ele tava bem violentado, assim, ele não tinha cabeça, ele tava decapitado. E eu lembro que o sentimento que eu tive quando eu vi aquele corpo foi mais um sentimento de revolta. Aquela coisa assim: Meu Deus, como a violência nessa cidade está impossível, aquele... Sabe aquele, aquela revolta meio 'datenesca' assim, pela pela brutalidade, mas não, eu não senti o mesmo pesar, e era claramente um corpo de um jovem, um jovem negro, e eu não senti o mesmo pesar que eu senti por uma senhora. Não que, enfim, mas dentro da linha natural da vida, os idosos morrerão primeiro do que os jovens.

Tiago Rogero: E isso tudo foi só na primeira visita da Amanda ao IML.

Amanda Quaresma: Eu gostei muito da matéria, fiquei fissurada com a possibilidade de interpretar os corpos e identificar como aconteceu as coisas a partir da observação, né? E aí eu me inscrevi como monitora da disciplina, e aí eu comecei a acompanhar os alunos nas próximas visitas. Então eu fui no IML diversas e diversas vezes. E aí teve um outro corpo, assim, que foi muito chocante para mim, que foi mais uma vez um jovem negro.

Amanda Quaresma: E ele, assim, pelas marcas do corpo dele, claramente ele tinha sido executado, muitas perfurações, é, na cabeça, em todo seu corpo, assim. E aí eu tava mostrando, apontando, né, olha, aqui é uma entrada de bala; aqui é uma saída, mostrando as diferenças pros alunos, até que eu reparei que no braço dele ele tinha uma tatuagem.

Amanda Quaresma: Uma tatuagem recém-feita, assim, sabe quando você faz a tatuagem, fica aquela casquinha ainda da tinta saindo um pouquinho?

Eu sinto vergonha de falar isso porque eu só consegui sentir o pesar que eu senti por aquela senhora no início quando eu vi essa tatuagem, o que é muito idiota, né, porque enfim, eu consegui, é, eu consegui enxergar a minha realidade naquele jovem, porque eu pensei: 'Meu Deus, ele morreu e ele não viu a tatuagem dele pronta, é, porque ainda não estava cicatrizada'. Eu fui pro estacionamento, me tranquei no carro e comecei a chorar. Porque não é que antes eu s... o, não é que antes eu não sentisse, é, claro que um sentimento de injustiça e tal por todos aqueles corpos, a maioria jovens, a maioria negros, é, claro que eu sentia um incômodo, mas nenhum me fez perceber da finitude da vida, assim. Nenhum me trouxe o que esse rapaz trouxe de, a vida dele foi ceifada do nada.

Tiago Rogero: Naquele momento, aquela quantidade de corpos negros ali no IML, a maioria deles de jovens negros, deixou de ser algo natural.

Amanda Quaresma: Eu não consigo explicar, mas eu me dei conta realmente de quanto ele perdeu a vida dele naquele momento e eu me coloquei no lugar dele, foi a primeira vez que eu consegui me imaginar, eu como um corpo dentro daquele IML, entendeu? É, que poderia ter sido eu. E aí a partir de então, eu coloquei na minha cabeça que eu precisava pesquisar sobre o IML porque eu precisava fazer aqueles corpos falarem, não dar voz porque eles tem a voz deles, mas fazer a voz deles serem ouvidos.

Tiago Rogero: É forte essa ideia de "corpos que falam", né? Aliás, sobre isso; sobre corpos no IML, sobre corpos negros no IML, tem um filme muito bom do Jeferson De, cineasta brasileiro. O nome é "M8 - Quando a Morte Socorre a Vida", depois cê procura.

Bom, mas num é todo mundo que morre que é levado pro IML.

Geralmente são três motivos: se tiver sido uma morte violenta, como um homicídio ou suicídio; se a morte foi provocada por uma causa externa, tipo um acidente de trânsito, uma eletrocussão... Aquela senhora que a Amanda contou, por exemplo, ela tinha caído da escada e batido a cabeça; e o terceiro motivo é se o corpo for de uma pessoa que ainda não foi identificada.

Amanda Quaresma: Eu tinha um desejo muito grande de falar sobre o IML. Mas eu sempre gostei muito dessa coisa da-das perícias e de como um corpo fala, né? Minha pesquisa, ela trata sobre o IML, então eu quero desnudar o IML mesmo, eu quero entender como funciona. Então eu escolhi um caso, é, fazer um estudo de caso pra, a partir desse estudo, entender como o IML funciona. Então eu escolhi o caso da Chacina do Cabula, que é um caso muito emblemático daqui de Salvador.

Tiago Rogero: Foi em fevereiro de 2015 em Vila Moisés, que é uma comunidade do bairro do Cabula.

Amanda Quaresma: Uma chacina em que policiais assassinaram 12 jovens, e feriram gravemente outros seis e mais vítimas que não foram localizadas. Não se tem exatamente ao certo quantas vítimas foram da chacina. E na minha pesquisa, a partir de como se deu, é, a investigação da chacina do Cabula eu trago à tona como o IML funciona.

Tiago Rogero: Antes de entrar nos detalhes da atuação do IML nesse caso, primeiro é importante a gente entender o que é a Medicina Legal.

Amanda Quaresma: Olha, tem uma frase que que, na primeira aula de medicina legal, o professor, pelo menos os professores a quem eu tive acesso, eles sempre falam, eles perguntam na verdade aos alunos: se, dentro do Direito, uma prova prova mais do que a outra. Então, porque a perícia é muito conhecida como a rainha das provas, né? É até uma comparação bem machista, mas coloca-se que a perícia, a perícia técnica é a rainha das provas e a testemunha é a prostituta das provas.

Tiago Rogero: E acho que existe mesmo essa ideia na sociedade, né? Não essa comparação machista com rainha e prostituta, mas essa ideia da perícia quase como uma checagem absoluta. Uma prova irrefutável.

Do tipo: ó, a perícia disse tal coisa, então é isso mesmo. Acabou. Teje preso.

Só que... num é bem assim.

Amanda Quaresma: A perícia tem esse ar de técnica, de ciência, mas na verdade ela é apenas uma ferramenta que pode ser utilizada de acordo com interesses, da mesma forma que é um relato testemunhal, uma confissão, enfim.

Tiago Rogero: Na dissertação da Amanda, que ela transformou em livro, ela cita a definição de um reconhecido médico legista e professor de Medicina, o Genival Veloso de França. Ele publicou um livro que é referência nessa área, o nome é "Medicina Legal". E nesse livro ele lembra que não existe certeza absoluta nas perícias; e que, apesar de seguir métodos científicos, o fazer da medicina legal é dedutivo e leva a uma conclusão empírica, nunca completa. É sempre uma probabilidade.

Amanda Quaresma: Por exemplo: se eu tenho um ferimento no meu braço, não necessariamente o perito, ele vai conseguir descobrir o que é que causou aquilo; se foi uma faca, se foi, sei lá, uma espada, se foi um facão, se foi um machado. A partir daquela ferida, ele vai perguntar praquela ferida e analisar, aqui pode ter sido um facão? Pode. Pode ter sido uma faca? Pode. É preciso fazer perguntas, sem as perguntas certas, às vezes você não interpreta o que aquele corpo está dizendo. Então, a perícia, ao contrário do que muitas pessoas pensam, ela não é capaz de dizer exatamente como aconteceu. Cabe ao perito perguntar todas as possibilidades e não apenas a possibilidade de um dos lados, que na maioria das vezes, ele faz as perguntas de acordo com o interesse da própria polícia.

Tiago Rogero: E daí a gente volta pra Chacina do Cabula.

Amanda Quaresma: O título da minha pesquisa é: 'Os corpos gritam pra ninguém', né? Então seria justamente os peritos se negando a ouvir o que tá evidente naqueles corpos. Claro que eu não sou perita, não sou médica, não sou especialista em medicina legal, mas são coisas que até pra, pra leigos fica muito óbvio do quanto houve uma intencionalidade naquelas mortes, porque a polícia, ela afirma a todo momento, apesar de mudar várias vezes as versões, ela afirma que ela entrou na comunidade da Vila

Moysés e foi recepcionada e encontrou um grupo armado que atirou contra eles e se deu um tiroteio. Mas quando a gente olha para o corpo das vítimas, fica claro que aqueles jovens foram pegos absolutamente de surpresa numa emboscada.

Tiago Rogero: Por exemplo:

Amanda Quaresma: Tem uma imagem que é muito, assim muito chocante, é, de um jovem que ele tem uma tatuagem de Jesus nas costas, e tem um tiro, uma perfuração de bala bem no centro da testa do que seria Jesus Cristo nessa tatuagem dele. Então fica claro a intencionalidade que foi, assim, pra humilhar a vítima mesmo. Além de outras claras marcas de, por exemplo, marcas de defesa. Porque quando a gente tenta se proteger de algo, é muito comum que a gente abrace nosso corpo, né, abrace a cabeça com os braços. E aí muitos das das marcas de violência dos jovens são justamente marcas de tiros nos braços, é, nas mãos, como se ele tentasse parar um tiro tentando parar com a mão. E fica claro que aquela vítima não tava nem reagindo e nem agindo inicialmente contra a polícia.

Tiago Rogero: Tem um laudo que a Amanda colocou no livro, o resultado de uma necropsia, que é a análise do cadáver pra tentar entender o que levou à morte daquela pessoa.

E o perito escreveu que o corpo foi atingido por disparo de arma de fogo, abre aspas, após troca de tiros com policiais militares. Fecha aspas. Ele colocou isso no laudo, afirmou que houve troca de tiros.

Só que um outro exame não encontrou vestígio de pólvora na mão dessa vítima.

Amanda Quaresma: Então, o IML, ele vai buscando nesse corpo modos de confirmar o que aquele policial falou e não justamente deixar o corpo falar por si. Então acho que o principal resultado da minha pesquisa é como o IML repete narrativas que são dadas por outras instituições. E no caso problemático do IML mais ainda, que é na maioria das vezes essa instituição é a polícia. A Polícia Militar, que no caso que eu pesquiso, foi também a autora de um crime. O corpo fala muito e não é o que o, que os

peritos encontram naquela narrativa, eles sempre estão buscando enfatizar o discurso da polícia de que os policiais foram recebidos a tiros e por isso precisaram atirar pra se proteger.

Tiago Rogero: O IML de Salvador é subordinado à Secretaria Estadual de Segurança Pública, que é a secretaria responsável também pelas polícias civil e militar.

E esse IML ainda tem umas peculiaridades. A localização, por exemplo.

Amanda Quaresma: O IML original, o primeiro prédio, foi no Pelourinho. O Pelourinho, que é um bairro histórico, né, faz parte do centro histórico daqui da cidade de Salvador e era um bairro onde os escravizados, eles apanhavam publicamente num pelourinho, né, porque o pelourinho é um objeto onde se colocavam os escravizados e eles eram punidos com penas de chibata, enfim. Já o segundo prédio, ele foi construído em cima de um terreiro de candomblé.

Tiago Rogero: No bairro do Garcia, em Salvador. É o prédio atual. O nome do terreiro era Língua de Vaca. Foi fundado entre o fim do século Dezenove e o começo do Vinte, ali a virada dos 1800 pra 1900. E foi desapropriado pelo governo da Bahia para a construção do Departamento de Polícia Técnica, onde fica o IML. O prédio foi inaugurado em 1979.

Amanda Quaresma: Parece que foi uma alegoria construída de como o IML, que é um instituição que lida diariamente com o genocídio negro, foi construído em cima de um terreiro de candomblé, como se fosse uma tentativa de realmente sobrepor, apagar com morte uma cultura, uma cultura negra, né, e, obviamente, essa desapropriação do terreiro não foi feita de forma amigável e muito menos minimamente respeitável com, com, com os praticantes da religião naquele candomblé, né?

Tiago Rogero: E uma outra peculiaridade envolvendo o IML de Salvador é o nome.

Amanda Quaresma: É muito bizarro, porque o IML daqui de Salvador se chama Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.

Tiago Rogero: O médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Raimundo Nina Rodrigues. Ele foi um dos principais nomes, no Brasil, do racismo dito científico. E eu friso o dito porque de ciência e método científico aquelas ideias não tinham nada.

O Nina Rodrigues defendia abertamente que as pessoas brancas pertenceriam a uma raça superior, e ele via nas relações interracialis, que à época eram chamadas de mestiçagem, uma degeneração. Ele defendia também que esses povos ditos inferiores, os pretos, os pardos, enfim: os afrobrasileiros, eram pessoas que tinham uma predisposição para o crime.

Amanda Quaresma: E Nina Rodrigues, ele, assim, é conhecido como o pai da criminologia brasileira; ele trouxe os estudos de Cesare Lombroso, que foi um italiano, europeu, que ele a partir de elementos fenotípicos, né, de traços do corpo negro, então o tamanho de nariz, tamanho do crânio, o tamanho da cabeça, a cor da pele... então ele foi metrificando e colocando esses traços negros como a razão da violência, ele identificava no corpo negro as, é, é, as causas de um ser violento, né?

Tiago Rogero: De novo: racismo dito científico. Nunca houve nenhuma comprovação científica pra nada disso. Era groselha racista e supremacista fantasiada de ciência.

Amanda Quaresma: Nina Rodrigues, ele fala assim com todas as letras, explicitamente: o negro é pior do que o branco; a mestiçagem que ele, eu tô falando nos termos de Nina Rodrigues, né? Da mistura do branco com o negro vai criar uma sociedade desnaturada, uma população agressiva, uma população fadada ao fracasso.

Tiago Rogero: Bom, mas daí o Nina, quando era professor da Faculdade de Medicina da Bahia, foi um grande entusiasta da criação de um Instituto Médico Legal. Ele acabou morrendo antes de ver o instituto pronto, e por isso colocaram o nome dele como uma homenagem quando o IML foi inaugurado, em 1906.

Amanda Quaresma: Um instituto que tá lidando ali com o genocídio negro ser nomeado em homenagem a Nina Rodrigues, que traz toda essa absoluta abjeção ao negro é um absurdo.

Tiago Rogero: O genocídio negro. Essa é uma expressão que ficou conhecida graças ao livro "O genocídio do negro brasileiro", do intelectual Abdias Nascimento.

E é difícil pensar num lugar que represente mais o genocídio das pessoas negras do Brasil do que os Institutos Médicos Legais. É pra lá que vão as vítimas de mortes violentas. E essas vítimas são majoritariamente negras. Desproporcionalmente negras.

O Brasil é de longe o país com o maior número absoluto de assassinatos do mundo. O líder. Nenhum outro país tem tanta morte em quantidade. E, quando a gente olha pra taxa de mortes violentas por cada 100 mil habitantes, a nossa taxa é a 8ª mais alta do mundo.

E quem morre de forma violenta, aqui, é negro. Pretos e pardos representam 77% das mortes violentas intencionais, segundo o Anuário de Segurança Pública de 2023.

Veja: nós somos 56% da população, mas somos 77% dos que sofrem mortes violentas.

Quando o recorte pega só as mortes provocadas pela polícia, negros são 83%. E a maioria deles, jovens.

E eu penso muito nisso.

Como que, com esses números de países em guerra, a gente acorda e dorme todo dia; a gente faz planos pro fim de semana, faz planos pra ir ver o próximo jogo do time no campeonato brasileiro, pra ir ao cinema, sei lá;

a gente faz qualquer coisa,

a gente continua vivendo a vida normalmente...como se estivesse tudo bem!?

Como é que a gente naturaliza esses corpos negros, essas vidas jovens interrompidas pela violência, e muitas vezes pelo Estado, como se isso fosse algo natural?

Isso me lembrou aquele relato inicial da Amanda, sobre a forma como ela costumava se relacionar, no início, com os corpos no IML de Salvador.

A sociedade como um todo, de maneira geral, age exatamente dessa forma com a absurda quantidade de jovens negros que a gente perde diariamente no Brasil.

Amanda Quaresma: Antes eu enxergava aqueles corpos como algo natural, assim. Tipo: ah, corpos chegaram aqui, eles morreram, tudo bem, vão ser periciados e tal. Claro que assim: teoricamente a gente se dá conta, mas realmente internalizar e sentir aquela dor de indignação mesmo e do quanto aquilo era um absurdo, e como a gente não pode continuar a viver normalmente com aquilo acontecendo sem pelo menos que todas as pessoas saibam que aquilo tá acontecendo. É uma questão que me sensibiliza e que me movimenta muito, eu só pesquiso porque eu quero que todas as pessoas saibam o quanto é importante, o quanto os jovens morrem, jovens negros morrem e que se fossem jovens brancos que tivessem morrendo nessa proporção, obviamente iriam parar, assim como na ditadura, quando jovens brancos morriam e estavam sendo alvos de perseguição, as pessoas se importavam, tanto que atualmente, quando a gente pensa em tortura no Brasil, os primeiros corpos que a gente pensa como torturados são esses jovens brancos de classe média que foram torturados na ditadura, quando, na verdade, o ícone da tortura no Brasil deveria ser a escravidão, pelo amor de Deus! E uma uma frase que traz um pouco dessa ideia da minha, da minha pesquisa, que é uma frase que minha orientadora Ana Flausina sempre fala: 'A dor negra, ela não registra da mesma forma do que a dor branca'. Então minha pesquisa é para que essa dor negras seja ouvida como, como uma dor.

Tiago Rogero: A Chacina do Cabula foi em 2015. Doze jovens negros mortos por nove policiais militares. Naquele mesmo ano, uma juíza que não era a titular do caso, que tava cobrindo as férias do juiz titular, chegou a absolver sumariamente

todos os policiais. Em 2018, o Ministério Público conseguiu reabrir o caso, e desde então ele corre em segredo de Justiça. Nenhum dos PMs jamais foi preso.

Aliás, eu procurei o IML de Salvador pra saber se a instituição gostaria de se manifestar nesta reportagem, mas não tive resposta.

Amanda Quaresma: Quando eu comecei a minha pesquisa, eu queria mostrar o quanto o estado é violento e o quanto o Estado, faz parte desse ciclo de morte e como as instituições que deveriam estar lá para tentar fazer justiça, pra tentar mitigar essa situação, elas estão corroborando e colaborando com esse ciclo de morte. Quando, quando eu fiz minha pesquisa, eu queria justamente, é, dar a importância, é, que o IML poderia ter se ele fosse um aliado nessa busca por justiça e o quanto ele não é, o quanto ele tá sendo uma barreira, quando na verdade ele poderia ser um acesso à justiça. E é muito importante a gente falar, a gente expor o Estado como uma estrutura de violência, não apenas uma estrutura que deixa acontecer, mas que participa ativamente na produção de morte, né? E, especificamente, eu escolhi tratar do caso da chacina do Cabula pra mostrar esse lado do IML porque foi uma, assim, foi um caso muito marcante, muito avassalador. Até hoje a gente não tem respostas do Judiciário, no sentido de, de fazer justiça, né, de responsabilizar os autores desse crime. Principalmente nesse momento em que, assim, a gente passou por um período horrível politicamente em que a gente tava tentando ficar vivo. Então, resistir já era uma coisa gigantesca. Mas a gente precisa ir além do resistir, né? Então eu quis fazer essa pesquisa pra demarcar que estamos resistindo, vamos continuar resistindo e vamos cobrar do do Estado, das instituições, da polícia, o que nós merecemos, o que a população merece.

Branca Vianna: Esse foi o Tiago Rogero, colaborador da Rádio Novelo.

Brigada por ouvir mais um episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No nosso site, a gente deixou linkado o projeto do Tom, onde você consegue ouvir 39 fonopostais – e a gente também garimpou mais algumas gravações pelo YouTube, tá tudo separadinho ali.

E tem também um link da dissertação da Amanda, sobre a chacina do Cabula. Ela escreveu um livro a partir da pesquisa dela e tá procurando uma editora – fica a dica.

Se você tiver uma ideia de história pra gente, você pode dar uma olhada no site na seção “envie uma pauta”, onde a gente explica que tipo de história a gente tá procurando.

E não esquece de seguir a gente – no Twitter e no Instagram, no @radionovelo.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio e pela Luiza Silvestrini. Neste episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro. O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.